

Poemas entre a noite e o dia

Poema decorado

Isto passou-se assim:

Eu presa em mais uma insónia noite
e tu, ao meu lado, cansado
dormias.

Eu escuro adentro adensava-me
em frases que construía
e, para não te acordar,
palavra a palavra, as decorava,
para as resgatar à luz do dia.

Mais uma insónia noite escusada
que, como eu, se perdia.

Era, com certeza,
a mais pura poesia.

E para não te acordar
esqueci-a.

Por isso sei que não sou artista.

Porque esses levantam-se
ruidosamente na noite,
sabendo que o mundo
não pode viver sem eles.

Já eu só sei
que não posso viver sem ti.

A mulher invisível

O problema da mulher invisível
é saber que só a sua falta vai ser sentida.

Vive sem se esconder,
mas nunca é vista.
Não quer ser vista.
Diz que não quer.
Mas incomoda-a que,
não se escondendo,
não a vejam.

Trabalha e tece as suas linhas,
sabendo-as importantes.
Diz para si que são importantes.
E são.
Mas incomoda-a ter que o dizer
a si mesma.

Pensa então que se parar
não haverá catástrofe.
As pessoas andarão instáveis,
com a visão desfocada,
desconcentradas.
Irão ao médico,
culparão o tempo,
mas não perceberão a sua falta.

Não.
O problema da mulher invisível
é que, não querendo,
não conseguindo com convicção
atribuir-se de tamanha importância
na vida dos outros,
não consegue deixar de o fazer.

Ela trabalha e tece as suas linhas como missão.

Carregará o mais pesado
dos fardos, porque sabe que,
mesmo que se tente convencer que não,
se parar haverá o grande dilúvio.
O mundo ruirá, talvez juntamente
com o seu peso.
E assim é de facto.
Assim, de facto, se sente a sua falta.

Como um rastilho as pessoas conseguem
rever todos os seus dias,
cada um deles,
até ao que ainda há instantes era presente,
até à sua imagem -
que é agora permanente.
Que era, dão-se conta, sempre permanente.
E é agora como uma luz
que persiste nos nossos olhos fechados.
Tão visível se tornou.

E claro, quando finalmente procuram a mulher
ela é definitivamente invisível porque já lá não está.

A mulher invisível sabe que tudo isto se passará assim.
Tal e qual.
E que quando a procurarem
já ela não concebe ser vista
por tais pessoas.
Não quer, não interessa,
a sua missão já desabou
e o seu peso desapareceu.
Não lhe trará nenhum sabor
o tardio reconhecimento.

Resta-lhe então mudar de caminho
e continuar seguindo, trabalhando,
tecendo as suas linhas, sem parar,
mudando de página

mas sem parar de facto,
obstinadamente,
para que não deixe nunca de ver as linhas
com que faz o seu caminho.
Para que não se esqueça nunca
de se ver e de saber quem é.

O teu Alentejo

O Alentejo tem cor branca de trovoadas,
que se disfarça de luz caiada,
nuvens rastejam como sombras,
tudo conspira para parecer
que é terra abençoada.

Te embrenha sorrateira,
terra desconfiada,
mostra-te a melhor camisa,
soalheira,
bordada de cânticos de pássaros,
de sinos perpétuos enfeitada.

Ali julgas já teu,
o teu Alentejo.
Viúva negra tece já a teia,
em que mergulhas
hipnotizado,
E o teu sangue,
é ela que o bombeia no seu
compasso desacelerado,
pelo teu corpo já semeia
destino tatuado.

Serás sempre dele,
do teu Alentejo,

ainda que nele
não permaneças.
O ritmo do teu sangue
é ainda ele que o dita,
terra bendita,
que nunca a esqueças.

O meu Alentejo

Fui ao Alentejo
e quando lá cheguei ressentia-me
e os meus olhos tanta luz.
E a meio de um dia de tempestade,
lá havia sol. Claro.
Sentei-me num muro,
sentia a nuca a aquecer rapidamente,
suavemente,
e os pássaros e os sinos,
"olá boa tarde".
E numa golfada de ar cabia tanto Tempo.
Trouxe um bocadinho a mais para casa.

Évora

Muitas vezes me pergunto
porque me senti tão viva em ti,
tu, cujo branco
é paisagem que não termina,
é cemitério alastrado
para além dos teus ciprestes-muralhas.
Calcorreio mentalmente
as passadas que dei pela noite:
meus sapatos batendo o compasso na calçada,
e os sinos a ampliar o tempo.

Porque me sinto viva em ti?
Tu, cujo branco é paisagem
que o futuro não habita,
e é também o sol
a bater nos meus olhos fechados,
como antes, agora aconchegando-me.
Porque vives em mim,
Évora,
e me habitas à
luz do sol de todos os Invernos.

Inverno

A magnolia agarra-se ao chão,
raizes poderosas.
Uma criança agarra-se à minha mão
com sonhos cheiro de rosa.

É inverno e a escuridão semeia-se lentamente.

O sol, subversivo, lança um rasgo de humor
pelas brechas que a melancolia permite.
Na relva imprimiu
a silhueta de uma árvore -
existe somente
nos olhos de quem a viu.

Escondido na sombra que tudo omite,
o instante permanece vívido.
Nos olhos de quem a quer ver
está a árvore
está a criança
e os sonhos morrem e voltam a nascer
como tudo o que é eterno.
Como tudo que é vivo.

Poema ao Luva Negra

O luva negra é contrabandista.
De cidade em cidade ele procura o proibido,
pilha e devassa, deixa tudo vazio.
Esta cidade aplaude, viva o contrabandista que
nesta terra é bem visto, levou o que era proibido
tudo agora é permitido.

A cidade vizinha onde todos viviam em
irritante calma,
vê chegar o luva negra, de bolsos cheios
de proibida mercadoria.
E se ali de proibido pouco havia,
troca em troca, com inflações e vigarice,
todos aplaudem o contrabandista
Que deixa a cidade repleta da mais
ilícita e excitante patifaria.

E as mulheres arrepiadas com o perfume
do malfeitor
Exibem os seus maridos aparvalhados,
também é ilícito o seu amor.
Mas o luva negra não desvia caminho
não desvia o olhar.
Aquela luva guarda o beijo da única mulher que soube amar.

E apesar do mulherio
ele pilha e devassa
e esconde e trespassa,
mas por onde quer que passa,
leva o seu coração vazio.

No Metro

Apertado, intimamente apertado,
o meu corpo funde-se com os outros
em equilíbrios mútuos,
e o hálito da manhã
partilhando o tédio de mais um dia já velho.
A crise é de todos mas cada um com a sua.
Intimamente desligados uns dos outros,
olhos vidrados,
e tu... com o teu peito no meu peito
e os lábios à distância de uma palavra.
Insuflo-me de coragem:
se pensar mais alto quase me ouves,
não tivesses tu os *fo*nes nas orelhas.
E se o meu suspiro te entrasse pela boca
e tocasse no céu?

De assalto me encaraste. Corei.
E desviei-me da frente,
os olhos, claro, o resto seria impossível.
Mas tu não.
Desafiei-te demais, agora não posso fugir.
Os teus olhos abrindo
dois pontos de um discurso
silencioso. Tenho medo e o meu corpo
paralisado no teu.
Respondes-me com uma vírgula pestanejada.
Tenho medo. Fecho os olhos.
Sincronizamos a respiração enfim
e o teu peito no meu peito...
- Saio aqui.
Soltou-se um abismo da tua boca.
Entre os corpos te fui perdendo.
Ainda assim as nossas mãos cruzaram-se
pelos olhos que já não se viam,
um aperto partilhado num toque
que deslizou entre as nossas peles.

Talvez te volte a ver num dia
em que o medo se tenha perdido
pelo caminho,
disse através do vidro e a tua boca ficou
à distância de todas as restantes palavras.

Sobre uma imagem de "Sol Menor", de Joaquim Pinto e Nuno Leonel

No cimo de uma colina,
à beirinha à beirinha,
estava um estendal vazio,
apenas com um pano branco pendurado a meio.

As nuvens que se faziam
espalhavam a luz mal distribuída,
mas aquele pano branco,
a meio pendurado,
para ele reclamava toda a luz daquele dia.

O vento que dali,
da beirinha da beirinha,
mergulhava, sem medo,
deslizando pela colina,
era com o pano que se envolvia
e o sacudia, sacudia.

O meu olhar também ali se prendia
preso com molas àquele pano,
àquele dia
e observava invejoso o acto de amor
e ao prazer violento
que aquele pano sentia.

Sou eu aquele pano.
Um dia perco as molas.
Um dia.

Poema a Arquimedes

I

Antes, quando tudo era certo,
os dedos trauteavam a métrica
de um poema que tudo traduzia.

Respeitava a semântica
e a sintaxe confinava cada ideia na sua categoria.

E a vida seguia bem ordenadinha.

Antes, quando tudo era certo,
procurava o que era bonito
e a poesia servia
para condensar à superfície
a flor de sal do que sentia.

Agora procuro em mim o que é carvão.

Quero sujar-me, besuntar-me, conspurcar-me,
sentir,

quero o meu corpo mergulhado
num fluido sem repouso.

A minha mão é uma insónia profunda
que me rasga adentro
e procura a flor na escuridão.

Fosse isso algo denso...

Poema aos meus pais

Vocês são um espelho de dois lados
cujo ponto focal se perdeu há muito.
Eu sou esse instante
entre a imagem virtual e a imagem invertida.
Saltito entre os dois lados
e celebro
a insubstancialidade.
Queria ser a vossa imagem
queria-vos descansados.
O problema foi também querer
estilhaçar tudo o que é vidro,
abrir com os cacos as minhas fendas
ver brotar o rubro vivo.
Queríamos que o sangue
não fosse um grito de guerra
e um útero vazio.
Já não celebro
a insubstancialidade.

Medo

Tenho medo da morte a toda a hora,
uma obsessão por falta da vida.
Tenho a impressão de ser uma gravura
em tons pastel desbotados.
Não consigo gritar, porque não quero
e a falta de violência em mim
talvez seja sinal de apodrecimento.

Então digo *foda-se e merda*
e vísceras e vermes.
É moderno
e vazio.
Prurido rima comigo.
Cautela rima com morte.
Sou tal e qual *o Grito* de Munch,
estático e silencioso.

Recomeço

Do corpo vazio desdobram-se
passos mecânicos,
sem paz ao estar parados.
A garganta trinca silêncios,
E a noite arrasta-se
pela existência adentro.

Não sabe que a alma germina palpitações secretas que ao universo pertencem:
É na obscuridade que a poesia conspira.

É nesta treva que um só gesto,
do desencanto inesperado,
consegue revolver do mais visceral abismo
uma tempestade que do tormento
se transforma em dia.

Ao olhar o teu corpo a mim entregue,
esquecido de si na minha respiração suspenso,
tremo ao sentir a alma que julgava ausente.

Neste teu instante infinito onde agora habito
há a paz do teu cabelo, dos teus ombros alongados em abraços.
Na minha noite és um sismo,
que abre um espaço em cada um dos meus centímetros cerrados.

Tu e ela são aliados e eu não sabia.
No meu útero tu e a poesia conspiram
Um grito que não é treva, não é tormento.
Mas é vertigem, é abismo.

E o universo é a alma a cada instante a dar à luz um recomeço.